

Viva a Marinha!



LUIZ FELIPPE MAGALHÃES

Luiz Felipe Magalhães

**V I V A
A
M A R I N H A !**



Editor
Fernando Barretto
Livramento — 103 — Rio

— 1952 —

A MARINHA DE GUERRA DO BRASIL

representada nas pessoas de Sua Excelência o Senhor

Almirante de Esquadra Ref.º

SYLVIO DE NORONHA

e

Sua Excelência o Senhor Vice Almirante

RENATO DE ALMEIDA GUILLOBEL

*antigo e atual gestor da pasta que sempre
me honraram com sua confiança.*

Homenagem do autor

Semana da Marinha — 1952.

AUTO-ACRÓSTICO

Louco, talvez, porém, eis-me presente
Um sujeito comum como qualquer,
Infeliz como tantos, tenho em mente,
Zêlo, sem par, por tudo o que é mulher.

Falo mal delas tôdas com razão,
Especialmente, então, dessas de agora,
Levo em mim a certeza de que outrora
Inspirava a mulher mais afeição;
Por isso o casamento, de hoje em dia,
Para mim, representa a loteria
Em que vence um bilhete entre um milhão!

PRODUÇÕES

LUIZ FELIPPE MENEZES DE
MAGALHÃES

Capitão-Tenente da Marinha de Guerra do Brasil

HINOS

- 1) *Sentinelas dos Mares, hino da Escola Naval, letra e música.*
- 2) *Bandeirantes do Ar, hino da Escola de Aeronáutica, letra e música.*
- 3) *Viva a Marinha. prefixo do programa, letra e música.*
- 4) *Soldados da Liberdade, dedicação à Marinha, letra e música.*
- 5) *Operários da Pátria, hino aos trabalhadores, letra e música.*
- 6) *Legião da Bondade, hino à Legião Brasileira de Assistência, letra e música.*
- 7) *Guanabara do Ar, hino da Rádio Guanabara, letra e música.*
- 8) *Hino ao Jornalista, letra e música.*
- 9) *Hino do Teatro Recreio, letra e música.*

PROGRAMAS DE RADIO

Viva a Marinha. iniciado em 9-3-48, atualmente às 20,00, quintas-feiras, Rádio Nacional a caminho do 5.º aniversário.

Construtores do Progresso — criado em homenagem ao trabalhador brasileiro, na Rádio Nacional onde foi transmitido de 12-9-50 a 30-1-1951.

Operários da Pátria — criado em homenagem ao trabalhador brasileiro na Rádio Mayrink-Veiga.

O lar do Trabalhador — criado em homenagem ao trabalhador brasileiro na Rádio Mauá e Asas da Vitória — criado em homenagem à Aeronáutica, por solicitação do Sr. Ministro Nero Moura.

ESPETACULOS TEATRAIS

1) *Viva a Marinha!* n.º 1 no Teatro João Caetano, dia 11 de dezembro de 1947, com a participação de elementos da Marinha e do Teatro Recreio.

2) *Viva a Marinha!* n.º 2, no Teatro Municipal, dias 11 e 12 de dezembro de 1948, com a participação de artistas da Marinha, orquestra, câro e corpo de baile do Teatro Municipal e elementos do Teatro Recreio.

3) *Viva a Marinha!* n.º 3, no Teatro Municipal, dias 11, 12 e 13 de dezembro de 1949, com a participação de artistas da Marinha, orquestra, câro e corpo de baile do Teatro Municipal e elementos do Teatro Recreio.

4) *Asas da Vitória!* no Teatro Municipal, nos dias 20 e 21 de outubro de 1951, em comemoração à Semana da Asa, em homenagem a Alberto Santos Dumont, com a participação de orquestra, câro e corpo de baile do Tea-

iro Municipal, bandas de música da Aeronáutica e cadetes do Ar.

5) *Viva a Marinha!* n. 4, no Teatro Municipal, dias 11, 12 e 13 de dezembro de 1951, com participação de artistas da Marinha orquestra, câro e corpo de baile, do Teatro Municipal, artistas da Escola Nacional de Música, bandas de música do Corpo de Fuzileiros Navais.

CANÇÕES

Sobre as ondas do mar, Menina eu sou Marinheiro, Recordando o meu torrão, Marinheiro, Rio-Rei, Olhando para o céu, Imperial Marinheiro, Recordação, Mar, Raio de Lua, Ser Feliz, Alô! Alô! Villegagnon, Joga a rede pescador, Orquestra da Natureza, Marcellio Dias e ainda muitas outras.

CURIOSIDADE

Nada sabe de música; compõe batendo numa mesa e cantando a melodia que lhe surge da alma.

1.ª Parte

VIVA A MARINHA!

VIVA A MARINHA

I

Era um dia um brasileiro
Que se tornou marinheiro
Para a Pátria defender
Dizendo com fé sincera:

— Eu sei que “o Brasil espera
Que eu cumpra com o meu dever!”

II

Êsse caboclo do norte
De ombros largos, braço forte,
Olhar sereno e viril,
Vivia no seu torrão
E em nenhuma ocasião
Se afastara do Brasil.

III

Certa vez o marinheiro
Embarcado num veleiro
Enfrentou o mar profundo,
E tal emoção sentiu
Que anotou tudo o que viu
Em viagem pelo mundo.

IV

A noiva que não pudera
Seguir, como bem quisera,
O seu amor puro e terno,
Tendo os olhos rasos d'água
Confiou a sua mágua
Às páginas de um caderno.

V

O marujo assim falou:
— Bem feliz, por certo, eu sou
Num veleiro sôbre o mar...
Vou conhecer novas gentes,
Vou ver outros continentes,
Vou navegar... navegar...

VI

A minha verde bandeira
Tremulará altaneira
Nos portos do mundo inteiro!
Co'a fé que meu peito encerra
Eu direi na estranha terra:
Senhores, sou brasileiro!

VII

Nasci entre as verdes matas
Onde soluçam cascatas
"Onde canta o sabiá".
O meu navio, em verdade,
É o embaixador da amizade
Dos meus irmãos que estão lá!

VIII

... Num recanto da cidade
Chorando a dor da saúde
Que lhe fere o coração,
Vendo partir o veleiro
A noiva do marinheiro
Se entrega à recordação.

IX

E o navio continua
 Ao mago clarão da lua
 Sucede o sol deslumbrante....
 O "Cisne Branco" veleiro
 Vai levando o marinheiro
 Que viagem fascinante!

X

Deixou o barco o Brasil
 Sob um céu da cor do anil
 Verdadeira maravilha!
 E, fazendo escalas várias,
 Passou Santa Cruz, Canárias,
 Casablanca... e ei-lo em Sevilha!

XI

Ao som de mil castanholas
 Da terra das espanholas
 Bem cedo o barco partiu
 Para Gibraltar rumou
 Pelo estreito atravessou
 E a viagem prosseguiu.

XII

Agora, nova alegria
 O marinheiro sentia
 Novo pôrto de bonança
 Toulon! Escala feliz!
 É o caminho de Paris!
 Paris! Coração da França!

XIII

Toulon ficou para trás
 — Belo barco onde tû vais?
 O marujo perguntou
 — Ouvir no país das artes
 Canções por tôdas as partes
 É para a Itália que eu vou.

XIV

Roma! Nápoles! Veneza!
 Cidades que a natureza
 Encheu de esplendores mil!
 Pistóia! Lugar dos bravos
 Que, por não serem escravos,
 Morreram pelo Brasil!

XV.

Campo Santo imaculado
 Jazigo do herói soldado
 Que lutou contra a opressão
 Pracinhas! Aviadores!
 Salve! Heróicos defensores
 Do auri-verde pavilhão!

XVI

Deus vos tenha em santa glória
 Como no Panteon da História
 Os brasileiros vos têm...
 Neste momento sagrado
 Ressurgi bravo soldado!
 Vinde a nós! Deixai o Além!

XVII

O marinheiro chorou...
 A terra santa beijou
 E se afastou tristemente...
 Sem ligar às suas máguas
 Vai o barco sôbre as águas
 Navegando indiferente.

XVIII

Noites tristes... Noites belas...
 A terra das tarantelas
 Ficou longe, por final
 Avança o barco atrevido
 Rumo ao Tejo tão querido,
 Chegou, enfim, Portugal!

XIX

Terra dos navegadores
 Berço dos descobridores,
 País do grande Camões
 Terra dos nossos avós
 Cujo sangue vive em nós
 A pulsar nos corações.

XX

O marujo estava ufano
 Conduzindo o egrégio pano
 Nosso auri-verde pendão!
 Lá da Península Ibérica
 Passou às terras da América
 O sagrado pavilhão!

XXI

Ei-lo em sólo americano...
 Este é o torrão mexicano
 Um outro país irmão.
 Seu povo é bom, cavalheiro,
 E trata do brasileiro
 Com simpatia e atenção.

XXII

Volta o barco a navegar...
 Ei-lo agora a atravessar
 O canal de Panamá,
 Hercúleo trabalho humano
 Que ligou um grande oceano
 Ao outro grande de lá.

XXIII

Rumo aos Estados Unidos
 Um país dos mais queridos
 Pela nossa gente boa.
 E a notícia de repente
 Chega aos ouvidos da gente:
 — São Francisco pela prôa!

XXIV

O marujo do Brasil
 Vai, agora, a Guaiquil,
 Passa por Lima também,
 E rumo ao Chile adorado,
 País belo e muito amado
 Que o recebe sempre bem.

XXV

Que de festa e de homenagem
 Quando de sua passagem
 Pela Pátria tão querida!
 Chile da franca amizade
 Tão alta fraternidade
 Jamais se esquece na vida!

XXVI

Prosegue o barco inconstante
 Seu roteiro deslumbrante
 Muda de oceano de novo
 E vai rumo da Argentina
 Terra que encanta e fascina
 Grande, amigo e nobre povo!

XXVII

Volta o marujo à viagem
 Recebe nova homenagem
 No Uruguai, país formoso!
 Um ano já se passou
 E o barco inda não voltou
 O Brasil o espera ansioso.

XXVIII

No mar a noite tristonha
 Cobre o marujo que sonha
 Com a noiva do coração...
 E ela chorando, sentida,
 Olhando o céu comovida,
 Entôa triste canção...

XXIX

Surge um dia indiferente...
 Crepúsculo novamente...
 São mil noites, mil auroras,
 O tempo passa nervoso
 Num tic-tac angustioso
 Eterna dança das horas!

XXX

Sim, agora, felizmente!
 Falta pouco, finalmente.
 O navio vai chegar...
 Anda depressa veleiro
 A noiva do marinheiro
 Quer o seu noivo beijar!

XXXI

O marujo está contente
 Êle volta sorridente
 Ao belo torrão natal,
 Seu sonho antigo, em verdade,
 É agora realidade
 Conhece o mundo afinal.

XXXII

E no Rio de Janeiro
 A noiva do marinheiro
 Lê a carta apaixonada
 — Querida já estou voltando
 Meu barco está navegando
 Nos mares da Pátria amada.

XXXIII

Como é belo regressar!
A floresta, a terra, o mar,
Tudo é diferente aqui!
As aves cantam nas matas
Rolam límpidas cascatas
Na terra do Guaraní...

XXXIV

Mas, a carta continua...
— Estou com saudade tua
Brevemente chegarei
Como te adoro querida
Tu és tóda a minha vida
A Deusa com quem sonhei...

XXXV

Chegado ao Rio o veleiro
Desembarca o marinheiro
E espera a noiva no cais.
Tóda a gente foi embora
Só resta o marujo agora
A repetir — nunca mais!

XXXVI

De repente — ó que surpresa!
Surge a noiva! Uma lindeza
Com as vestes de rainha!
— Querida, estás diferente,
Mais moça, mais atraente,
Como te adoro Marinha!

XXXVII

— Tens razão, meu companheiro
Mudei muito, marinheiro,
Fui obrigada a mudar
Eu quasi fui desprezada,
Vivia quieta, calada,
Vivia longe no mar.

XXXVIII

Agora estou diferente
Mudei muito últimamente
Agora me vou mostrar
Para que o povo compreenda
Quem sou eu... e se arrependa
De tanto me desprezar.

XXXIX

Vou dizer alto e bem forte
 Ao Brasil de Sul a Norte
 Ao povo de minha terra:
 Meus amigos brasileiros
 Nossos bravos marinheiros
 São invencíveis na guerra!

XL

— Fala de ti queridinha,
 Quando nasceste, Marinha?
 Responda: — quero saber
 — Quando nasci? Francamente
 Há confusões realmente,
 Vou agora esclarecer.

XLI

Dizem alguns, sem razão,
 Que nasci com Dom João
 Quando da guerra francêsã,
 Porém, isto é falsidade,
 Aquela Armada, em verdade,
 Era mamãe portuguêsã.

XLII

Nasci com Pedro Primeiro
 O Imperador Brasileiro
 Que, num gesto de eloquência,
 Explodiu divina zanga
 Deu o grito do Ipiranga
 O brado da Independência!

XLIII

Nasci e me tornei forte
 Navego de sul a norte
 Por verdes mares bravios.
 Enfrento chuvas e ventos
 A fúria dos elementos
 Não detém os meus navios!

XLIV

Eu estou moderna agora
 Mas, não me esqueço de outrora
 Dos que lutaram de pé,
 E relembro nesse instante
 O nosso heróico Almirante
 O bravo Tamandaré!

XLV

Chefe amado e glorioso
De um século grandioso
De atividade naval.
Figura sem par, estóica,
Da egrégia Marinha heróica
Do Brasil Imperial.

XLVI

Sou Marinha de Barroso
Um outro herói glorioso
Que lutando me deu glória!
Sou Marinha de Inhaúma
Que, quasi sem fôrça alguma,
Me conduziu à vitória!

XLVII

Eu sou de Greenhalgh valente
Morto corajosamente
Ao pavilhão abraçado
Eu sou do jovem Mariz
Lutando por mim feliz
E sendo sacrificado!

XLVIII

Sou do marujo padrão
Que lutou como um leão
E tombou como um guerreiro!
Braço a braço! Peito a peito!
Marcílio Dias perfeito
Imperial — Marinheiro!

XLIX

De Cockrane, o fundador,
O bravo libertador
Da Armada da Independência!
De Saldanha, o cavalheiro,
O educador — marinheiro,
O chefe por excelência!

L

Sou de Custódio de Mello!
De Wandenkolk, um outro elo
Da cadeia do passado.
Jaceguai! Barão da Frente!
Férreo! Íncrito! Exigente!
Acadêmico ilustrado!

LI

Sou de Pedro de Frontin,
De Heitor Perdigão também,
Gastão Monteiro Moutinho,
Garcia D'Avila ainda....
Fizeram carreira linda,
Morreram pelo caminho.

LII

E sabes de uma outra cousa?
Eu sou de Borges de Souza
O sargento fuzileiro.
Sou de ontem, hoje e amanhã,
Sou também de Max Schram
Moderno herói marinheiro!

LIII

Dos operários de agora,
Dos marinheiros de outrora,
Do intendente e do doutor,
Eu sou do egrégio passado,
Do presente aureolado,
Do futuro promissor!

LIV

— Salve! Marinha adorada!
Salve! Gloriosa Armada!
Orgulho da Pátria minha!
Que de força, nunca falto,
Eu possa bradar bem alto,
Avante! Viva a Marinha!



COMPARAÇÕES

Quando appareces meiga e carinhosa,
Tão linda como a flor na primavera;
No "mar" de minha vida "tormentosa",
Eu te imagino uma gentil "Galera".

Quando appareces lá pela Avenida,
Junto a teu pai que é tão desconfiado,
Pareces uma "lancha" — protegida
Por um vasto e tremendo "Encouraçado"!

Porém, se de manhã, tu vais à praia,
Ao ver teu magro porte alguém ensaia,
Comparar-te a uma leve "embarcação".

Porém, a minha idéia é diferente,
De "maillot" é que eu noto; francamente,
Sem "couraça" não passas de um "canhão"!

"NAVEGAÇÃO AMOROSA"

Este namoro assim de apartamento,
Cercado pelos *bordos* por teus pais,
Vai acabar, meu bem, em casamento,
E, francamente, eu já não posso mais.

Ser marcado, é pra mim um sofrimento,
Não posso manobrar, isto é demais,
Só vivo ao largo, panejando ao vento,
Correntes negativas, são teus pais.

Meu coração é um dique flutuante,
E batem nele, agora, nesse instante,
Mil galeras que juram ser fieis.

Eu vou, noutro local, lançar meu prumo,
Vou sondar, para ver se em novo rumo
Consigo te marcar pelo través!

E O FUZILEIRO FALOU

Enquanto ele marchava, ela dançava samba.

Eu prometo, meu bem, não *Descançar*
Até ficar *em Forma*, e, então, contigo
Hei de sambar, pois, hoje não consigo,
Estou *Trocando Passo* sem cessar.

Fico *Sentido*, mas, não sei dançar
Pois, de *Ordinário*, *Marcha* é o meu castigo.
Fui, *Em Frente*, teus pés foram comigo,
Portanto, se os pisei, foi sem notar.

Sei que estás *Á Vontade*, coração,
O samba é *Infantaria* de salão
E o Praça — dançarino, um boa vida;

E's *Direita*, vou ver... Não! Não, beleza,
Mandar-te embora, além de ser fraqueza,
Também é estupidez à *Ordem Unida*!
Também é estupidez à *Ordem, Unida*!

I

Marambaia, minha gente,
E' aspirante invulgar
Enquanto trabalha o crente
Ele vive a descansar
... E o marambaia zangado
Falou após bocejar,
Meu velho nasci cansado
Esta vida é de amargar!
A corneta malsinada
Bem antes do sól nascer,
Em seu toque de ALVORADA,
Faz-me cantar sem querer:

Alvorada
A corneta chama
Que massada,
Vou pular da cama,
E' cêdo de mais
Isso não se faz,
Eu sou bom rapaz,
Quero dormir mais.
Outra vez
O toque se escuta
Mas que toque!
E que gente bruta!

Eu viro pr'um lado,
Acôrdô amolado,
Ficando zangado
E mal humorado...

II

Cinco e meia da manhã!...
Meus Deus, que vida apertada,
Não aspiro a ser Tarzan
Enquanto houver alvorada,
Durmo sempre um pouco mais,
Sou dos lençóis companheiro,
Pr'a poder viver em paz,
Minha alvorada é o RANCHEIRO.

III

Desço as escadas correndo
Pr'a alcançar a formatura,
Posso atrazar-me querendo,
Entretanto a "cana" é dura,
Por isso, já estou formado,
Bocejando distraído,
Num momento, eis-me apumado,
Ouvindo a voz de "SENTIDO".

IV

Vou para o rancho marchando
Ainda dormindo em pé,
Sonolento, após, tomando
A chicara de café.
Terminada a refeição,
Retorno absorto e mudo,
Doi-me tanto o coração,
Ouvindo o toque de ESTUDO.

V

Apanho os livros na estante,
E por êles passo a vista,
Resolvendo, num instante,
Folhear uma revista.
Duas horas sem cessar
Enquanto a cidade dorme,
Fica o aspirante a "estudar"
Até se ouvir UNIFORME.

VI

Novo toque: formatura,
 Refeição nova e aumentada,
 Depois de tanta fartura,
 Reunir para a PARADA.
 Alguns minutos "parado"
 Eis-me agora a desfilhar,
 Até que sou dispensado,
 Ao toque de DEBANDAR.

VII

Aulas até meio-dia
 E, o ALMOÇO toca então,
 Vem depois o que eu queria:
 Uma boa digestão.
 Descanço até uma hora,
 Volto às aulas novamente,
 Porém, sentindo-me agora,
 Mais disposto e máis contente.

VIII

Fim de estudo finalmente,
 Então, mui calmo e sereno,
 Vou ao rancho lentamente,
 Tomar meu "café-pequeno".
 Depois vou bem devagar,
 Pois não sou lá muito forte,
 Muito embora vá mudar,
 Meu uniforme de esporte.

IX

Na pista eu sou um fracasso,
 E também em natação,
 Porém pouco caso faço,
 Não nasci pr'a campeão.
 Terminado o exercício,
 Doi-me a perna sem cessar,
 Após tanto sacrifício,
 Necessito descansar.

X

Por isso, volto arrastado,
 E tiro a roupa de esporte,
 Logo após, então deitado,
 Desisto de ficar forte.
 Cinco e tanto REUNIR
 E a Escola Naval, formada,
 Desce à pista, onde a seguir,
 Fica em sentido, aprumada.

XI

Nesse instante vibra intensa
 A nossa fé brasileira,
 Bendizendo à Pátria imensa
Em continência à Bandeira!
 Enquanto o pavilhão desce
 Em mudo e santo respeito,
 Todo o aspirante parece
 Da Pátria o supremo eleito.

XII

Após esse breve instante,
 De sublime devoção,
 Ao rancho volta o aspirante
 Para nova refeição.
 É a hora do jantar,
 Já me sinto sorridente,
 Dirijo-me ao meu lugar,
 P'ra pegar a "boia" quente.

XIII

No rancho a conversa é boa,
 Gosto de um "papo" em verdade,
 Porém, uma voz ecôa,
 É a ordem de A VONTADE.
 Agora sim, que corrida!
 É louca a piruação,
 Vai a turma decidida
 Para o "snooker" do salão.

XIV

Muitos gostam do bilhar
Do ping-pong, gamão,
Alguns preferem ficar,
Co'uma revista na mão.
Todos buscam diversão,
"Quasi todos", é melhor,
Outros querem, com razão,
Saber as lições de cór.

XV

A corneta logo exige,
O terminar disso tudo.
O blóco então se dirige
Ao camarote, p'ro estudo.
Eu também corro ligeiro,
E sendo o estudo à vontade,
Eu logo sou o primeiro,
A dormir, é bem verdade.

XVI

Dizem que há rancho mais tarde
E silêncio, por final,
Mas disso não faço alarde,
Nada escuto, é natural.
E assim meu dia termina,
E um outro vai começando,
Nessa "suave" rotina,
Eu vou vivendo e "engordando".

XVII

E o marambaia calou
Retirando-se amolado,
De longe êle inda exclamou
Falei muito, estou cansado!
E eu pensei; mas como é doce
Esta Rotina Ideal!
Não é assim, mas se fosse,
Cá p'ra nós, era infernal!

SEGUNDA ÉPOCA

“Visita à casa paterna”.

Como a áve que volta ao ninho antigo,
Depois de pouco aproveitadas férias,
Eu vim também rever as tais matérias
Que fazem do meu crâneo seu abrigo.

Entrei, e logo, cuidadoso e amigo,
O contínuo indicou-me a sala de aula.
Então eu me senti qual numa jaula
Em que o leão cismasse só comigo.

Era esta a sala... Oh, se me lembro e quanto...
Eu, de lapis na mão, lá atrás, sentado...
Meus colegas e mestres... Ah, o pranto

Jorrou-me em ondas... Fiquei desolado.
Um grau zero gemia em cada canto,
Chorava em cada canto um reprovado.

TRISTE CATRAIA

Toda vez que te avisto pela *prôa*,
Mudo de *rumo* sem pestanejar.
És mais fria que a úmida garôa,
És pior que um *navio* em *alto mar*.

Afasta-te de minha *singradura*,
Deixa-me, pois, sozinho a *navegar*,
Triste *catraia* em forma de criatura,
Procura um outro *pôrto* pra *ancorar*.

Tú és, mulher um *casco* envelhecido.
Que vive a *navegar* desprotegido
E, *navegando* espera proteção.

Não tenho culpa se estás indo a *pique*,
Eu não sou *estaleiro*, não sou *dique*,
E nem sou *boia* para “*amarração*”!

S E . . .

(À guisa de Rudyard Kipling)

Se conservas a calma e o sangue frio
 Quando todos te chamam de palhaço;
 Se podes suportar sem dar um pio
 "Patinhas de Leão" de hercúleo braço;
 Se és capaz de esperar paciente e mudo
 O veterano mau e inda sorrir,
 Sem dar vasas ao ódio e sobretudo
 Sem ostentar "safismo" nem fugir;
 Se sonhas e dos sonhos despertando
 Enfrentas sorridente uma Alvorada;
 Se te mantens inalterável quando
 Já tão cedo te querem dar pancada;
 Se és capaz de escutar palavras tuas
 Transformadas por hábil troteador;
 Se ainda assim com este não te amuas
 E o tratas respeitoso de Senhor;

Se arriscas numa rifa do Saldanha
 Tudo o que tens — teu último vintem —
 E se depois tu choras, fazes manha,
 Porquanto a isto te obrigou alguém;
 Se és capaz de escutar um veterano
 Dizer que és burro por definição,
 Que como militar és um paisano
 E que erraste de todo a profissão;
 Se preenches o espaço de um minuto
 Com sessenta segundos de "pinguin";
 Se podes suportar o "trote bruto"
 Sem esconder tristonho o teu "marfim";
 E ainda, se jámais reclamas nada
 Nem sentes raiva de quem te bateu,
 Terás a Escola inteira conquistada
 És perfeito calouro, filho meu!

14 DE ABRIL

(dia Pan-Americano)

Ô 14 de Abril! Em nossa História,
 És dos dias de mór consagração...
 Dos que alcançaram os píncaros da glória,
 Cultivando a semente da União.

Honra a todos que o sangue derramaram
 Lutando com denôdo e com vontade!...
 Bolívar, tantos outros que tombaram
 Pela causa mais santa, a LIBERDADE!

Glória a Monroe a quem seguimos crentes,
 Somos irmãos, em pátrias diferentes,
 Unidos pelos laços da amizade!...

Idéia genial de luz feérica!
 Um brado levantemos — Salve América!
 Baluarte da sã-fraternidade!

RETIRADA DA LAGUNA

Sim! todos vós eu guardo na memória...
 Que o vosso feito ainda mais nos una,
 Heróis da Retirada da Laguna,
 Sois imortais nas páginas da História.

Ingente sacrificio! Maior glória
 Talvez país algum, em si, reuna.
 Heróis da Retirada da Laguna,
 Tombastes pela pátria... Que vitória!

Camisão, coronel do sofrimento,
 Guia Lopes, Juvêncio..., êste momento,
 É dedicado a vós, e tão sómente.

Vós que lutastes firmes e altaneiros,
 E que morrestes, grandes brasileiros,
 Amando vossa Pátria imensamente!

SE AINDA NÃO ESTOU LOUCO, CAMINHO PARA ISSO

I

O sol dourava as campinas...
 Louras, pudicas meninas
 Brincavam soltas ao léu.
 Aquela verde ramagem
 E cintilante paisagem
 Era um pedaço do céu!
 Lá estava S. Pedro ufano...
 Achara, enfim, o profano
 Que lhe pulara o portão...
 E este profano, coitado
 Era eu que encabulado
 Pedia, ao Santo, perdão

II

Falou-me o porteiro amigo:
 — Por pouco que não consigo
 Localizar-te, rapaz...
 Porém, que idéia essa a tua
 Tu foste da Terra à Lua
 E da lua a estes locais!
 Como Chefe de Polícia
 Sou forçado a ver malícia
 Neste “golpe” que me dás.
 Além disso, caro amigo,
 O meu receio é o perigo
 Da crítica dos jornais!

III

— Com licença, grande Santo,
 Sim; dei-lhe o golpe, entretanto
 Foi com a boa intenção
 De fazer uma entrevista
 Quem sabe? Com um grande artista
 Que adore fazer serão.
 — Bom, neste caso eu permito...
 Deixa, pois, esse ar aflito
 Vamos ver homens gloriosos.
 Vou levar-te no momento
 Ao moderno alojamento
 Dos maestros mais famosos.

IV

S. Pedro trouxe uma chave,
 Fui ao Sol onde uma clave
 Mostrava onde "os tais" moravam,
 Entramos nós devagar
 No alojamento sem par
 Onde os músicos roncavam.
 Beethoven em dó maior,
 Depois Chopin: fá menor.
 Frans Liszt em ré, Bach, amém,
 Em mi dobrado bemol
 Naquela "clave de Sol"
 Verdi roncava também!

V

Era um delírio sônoro
 E, qual pássaro canoro,
 Eu comecei a cantar.
 Foi a conta: num momento
 Uma voz no alojamento
 Zangada, me fez calar;
 Gritou Beethoven: — Prendeí-o!
 Sou mico se isto é gorjeio!
 Vamos parar de berreiros
 Eu falo sério, não brinco
 Deste uma nota de cinco
 Só aceito dez cruzeiros!

VI

— Beethoven, sou estudante...
 — Como dizes? És tu Dante?
 — Não senhor, sou o Magalhães...
 Eu faço uns versos terríveis,
 Coisas loucas, impossíveis,
 Não tenho musa nem "fans".
 Disse, então, Beethoven irado:
 — Mas que queres desalmado
 Tu que vens me importunar?
 Respondi: — Quero saber
 Como podes conceber
 A tal "Sonata ao luar".

VII

— Pois bem. Minha inspiração
 Veiu de uma indigestão.
 Bebendo leite ao jantar,
 O leite que bebi eu
 O estômago devolveu;
 Ficou só... nata ao luar!
 — Beethoven, muito obrigado,
 Já que estás entretido
 Pode dormir e roncar.
 Tudo o que dizem é rata
 Sei por fim que a tal Sonata
 Foi uma "coalhada" ao luar...

VIII

Beethoven, em dó maior,
 Sabendo o ronco de cór
 Qual página musical,
 Voltou a dormir ufano
 Deitado sôbre um piano
 Estilo colonial.
 Lá fui acordar Chopin
 O qual dormia também
 Carrancudo, taciturno,
 Falou S. Pedro sorrindo:
 — Este aí vive dormindo;
 Foi êle autor do "Noturno"

IX

Chopin acordou por fim.
 Curioso olhou pra mim
 E perguntou: — Mas que queres?
 E eu lhe disse: — Uma entrevista,
 Porquanto, genial artista
 Você é "o tal" das mulheres!
 — Nem tanto assim, retrucou
 — Aliás dès que aquí estou
 Jamais pensei em amor.
 Esta vida é uma "barbada"
 Eu aquí não faço nada
 Nem penso mais em compor.

X

Portanto, cai fóra amigo,
 Pois nem dormir eu consigo.
 Já vês pelo meu bocejo...
 O tempo aquí não se perde.
 Se queres acorda Verdi
 Pois êle é bom no solfêjo.
 Também joga futebol;
 Êle é o "goal-keeper" do Sol
 E usa mascote de prata.
 Tôda vez que vai jogar
 Sobe à trave devagar
 E a mascote à "trave... ata"

XI

Chopin virou-se e dormiu
 De novo. Pedro sorriu,
 Sacudindo trinta chaves...
 Acordei Verdi ligeiro
 E vi no seu travesseiro
 Vinte desenhos de claves.
 Verdi exclamou: — Desafôro!
 Ó que falta de decôro!
 Mas, não faltava mais nada!
 És brasileiro?! Ah! malvado!
 Carlos Gomes é o culpado
 Foi êle o autor da Alvorada!

XII

Respondi-lhe: — Verdi amigo
 Não se aborrega comigo,
 Francamente, sou seu "fan",
 Se acaso hoje está cansado
 Eu não vou ficar zangado
 Posso voltar amanhã.
 — Espera um pouco, é favor.
 Falou-me o compositor,
 — Em resumo vou contar
 A história da minha vida;
 Depois de fazer "A... ida"
 Jamais pensei em voltar.

XIII

Voltar à Terra, pra que?
 Hoje o mundo é o que se vê
 Cheio de luto e de dor.
 No Sol tudo é "melodia",
 Vivo em eterna "harmonia",
 Solitário, sonhador.
 Portanto, não me arrependo
 De ser defunto; só vendo
 As vantagens que isso traz
 Eu vivo em profundo sono
 Em nostálgico abandono,
 Por favor, deixa-me em paz

XIV

Voltou Verdi ao travesseiro
 Franzindo o cenho altaneiro
 Fêz da testa uma só ruga.
 E eis que em passo acelerado
 Passou um tipo apressado
 Era Bach; estava em "Fuga"
 E qual atleta na pista,
 Lá se foi o grande artista
 Em medonha afobação.
 Passou S. Pedro e me disse.
 — Querer prendê-lo é tolice
 Sempre foge da prisão.

XV

Eis que então se acende a luz!
 Uma espada em vez de cruz
 No céu ora eu contemplava!
 Só então vi, que ironia!
 O meu colega de "dia"
 Co'a lanterna me acordava
 E me dizia em voz alta:
 — Olha, vou dar tua falta.
 Eu respondi: — Não! Vem cá!
 Não fales mais outra vez
 Serviço de Zero às Três?
 De "M!" tem "Dó", já vou "Lá"...

BRASIL QUERIDO

Encerra o meu Brasil idolatrado
Tanta beleza e tanta perfeição...
Que, sendo filho dêste solo amado,
Sinto, de amor, repleto o coração.

A passarada, em berço tão querido,
Gorgeia, em bando, sôbre o verde prado,
E o canto meigo torna enternecido,
O coração do sér mais desgraçado!

E, junto à exuberante natureza,
Pertence ao meu Brasil maior grandeza,
Imorredoura desde há muitos sóis...

É o amor dedicado de seus filhos,
Que afrontam a Morte pra aumentar seus brilhos...
Salve! Salve! Brasil! berço de heróis!

2.^a Parte

HINOS E CANÇÕES

SENTINELAS DOS MARES

(Hino da Escola Naval)

A Escola Naval Brasileira
 Prepara a mocidade para a luta no mar!
 Somos todos defensores da bandeira
 Nos mastros da vitória a tremular!
 Nossa vida na paz ou na guerra
 E' sempre navegando pelos mares de anil!
 Para a glória e pela honra desta terra
 Lutaremos com denodo varonil!
 } Nós somos os Sentinelas dos Mares
 } Do glorioso Brasil!

(Bis)

ESTRIBILHO

Marinheiros! Avante!
 Marinheiros, "Rumo ao Mar!"
 "Tudo pela Pátria!"
 Avante a navegar!
 Marinheiros! Avante!
 Vencer ou então Morrer!
 "O Brasil espera que cada um
 [cumpra o seu dever!"

São as águas azuis nossos lares,
 O campo de batalha da Esquadra em ação!
 Somos livres, para sempre, sôbre os mares
 A força do direito ou do canhão!
 Riachuelo que foi no passado
 A prova de bravura e de coragem viril!
 Paira sempre como símbolo sagrado,
 Dentro dalma do marujo varonil!
 } Nós somos os Sentinelas dos Mares
 } Do glorioso Brasil!

(Bis)

BANDEIRANTES DO AR

(Hino da Escola da Aeronáutica)

I

A esquadilha é um punhado de amigos
A vibrar, a vibrar de emoção.
Não tememos da luta os perigos
Nem dos céus a infinita amplidão!
Sobre mares, planícies, sobre montes
Vivemos por sempre a voar,
Bandeirantes de novos horizontes
Para a bandeira da Pátria elevar.
Bandeirantes de novos horizontes
Para a suprema conquista do ar!

Estrôfô

Nós somos da Força Aérea Brasileira!
O nosso emblema é a águia altaneira!
Que ha-de ser grande, forte e varonil!
Lutaremos...
Morreremos...
Pela bandeira do Brasil!

II

Entre as nuvens do céu vendo a terra,
Vivem lá os cadetes do ar;
Comandando a grande arma de guerra,
Baluarte da Pátria sem par.
Adestrados ao fogo da metralha,
E ao governo de seu avião
Estarão sempre prontos à batalha.
Para a defesa do nosso torrão.
Estarão sempre prontos à batalha
Por defender o auri-verde pendão!

VIVA A MARINHA!

Ouve-se, ao longe, o andar cadenciado
Soam clarins da banda militar!
E ao ritmo de marcha compassado
Surgem os Homens do Mar!
A farda de um dourado reluzente
Encobre um largo peito varonil!
E o povo aplaude àquela gente
Orgulho do Brasil!

E no mar ou na terra
Brilha sempre a Marinha de Guerra!
Eia Avante! Marinheiros!
Operários! Fuzileiros!
Um brado levantemos
À nossa Rainha:
Hip! Hip! Hip! Rá!
Viva a Marinha!

SOLDADOS DA LIBERDADE

Somos fortes, valentes guerreiros,
 Combatentes de armas na mão:
 Operários! Navais! Marinheiros!
 Defensores do augusto pendão!
 Sentinelas de terra e dos mares
 Nossa vida é combate viril.
 Tendo em mente os heróis militares
 Que tombaram em prol do Brasil.

Soldados da liberdade,
 Lutemos que o combate é nossa vida.
 Defendamos a integridade
 Da Pátria brasileira estremecida.
 Sentinelas de terra e do mar
 Temos sempre em mira o canhão.
 Pelo nobre ideal de lutar
 Para a glória do auri-verde pavilhão.

Desde os tempos remotos na história
 O Brasil canta os feitos navais
 Para nós é orgulho, é glória
 Sempre ouvimos na guerra ou na paz...
 Quem são estes vibrantes guerreiros?
 Estes homens valentes quem são?
 Operários! Navais! Marinheiros!
 Combatentes de armas na mão.

OPERÁRIOS DA PÁTRIA

Côro

Brasil! Brasil!
 Dos nossos corações!
 Brasil! Brasil!
 Nação entre as nações!

I

Salve! Salve! Operários da Pátria!
 O Brasil confiou sempre em vós
 Vosso lar é a terra brasileira
 Rincão de todos nós!
 Na bigorna, na enxada ou no malho
 Honrando êste solo varonil
 Construíis pela força do trabalho
 O progresso do nosso Brasil!

II

Operários Brasileiros
 Os sindicatos nacionais
 Trabalham pelo progresso
 Para a glória dos vossos ideais!

Côro

Brasil! Brasil!
 Dos nossos corações!
 Brasil! Brasil!
 Nação entre as nações!
 E' o meu Brasil!!!

LEGIÃO DA BONDADÉ

A Legião Brasileira de Assistência
 E' o lar dos desamparados
 Mensageira de paz à existência
 Dos mais necessitados
 Amparando as famílias brasileiras
 E criando Escolas e Hospitais
 Se tornou a primeira entre as primeiras
 Das obras sociais.

Salve! Salve! Legião da Bondade!
 A lutar por um nobre ideal
 Salve! Salve! Legião da Bondade!
 Precursora do bem social!

GUANABARA DO AR

I

Pelo nobre ideal de alegrar
 O vosso coração
 Nossa onda sonora a vibrar
 Leva aos céus o romance e a emoção
 Somos todos um só braço
 Para nossa estação elevar
 Guanabara! Tribuna do Espaço! { (bis)
 Sentimento da Pátria no ar! }

II

A Baía formosa
 Rainha do Mar!
 Deu o nome à estação gloriosa { (bis)
 Guanabara do Ar! }

HINO AO JORNALISTA

I

Defendendo o livre pensamento
Sempre em luta contra a opressão
A Imprensa criou seu monumento
Em nosso coração.

II

Eia avante! Imprensa temida
Por quem vive na sombra do mal!
Eia avante! Suave guardida
Do homem justo, sincero e leal!

Jornalista brasileiro!
Jornalista varonil!
Tua pena é o clarão da verdade
Que ilumina o povo do Brasil!

HINO DO TEATRO RECREIO

O teatro é um sonho entre flores
E o recreio do nosso coração!
Oficina de luz e de côres
De romance, alegria e emoção!
Somos fortes e unidos lutamos
Pelo nobre e sublime ideal!
De manter no Brasil que adoramos
A eterna glória do Teatro Nacional!

Companhia Walter Pinto!
Sempre foste e serás a primeira!
Conquistaste a alma e o coração
Da querida platéia brasileira!
E' meu! E' seu! Recreio!!!

M A R I N H E I R O

Marinheiro! Marinheiro!
 O teu destino é lutar!
 Vai singrando com teu veleiro!
 A superfície do mar.

Marinheiro! Marinheiro!
 Não te esqueças por piedade
 Destes olhos que esperam tua volta
 E que choram tristemente de saudade!

Firme na manobra
 E' a guarnição
 Mete mãos à obra
 Ao grito de atenção!
 Vai o meu barquinho
 Navegando com vontade
 Procurando um pôrto
 De paz e de amizade.

JOGA A RÊDE PESCADOR

Quando o sol despona
 Pescador já está no mar...
 Quando a noite vem chegando
 Pescador volta pro lar...

— Chuê! Chuê! Chuá! Chuá!

Quando a lua branca
 Vem as águas pratear
 Pescador já está na praia,
 Pescador vai descansar...

— Chuê! Chuê! Chuá! Chuá!

Pescador é corajoso
 E é valente, sim senhor...

Joga a rêde dentro d'água,
 Joga a rêde pescador.

Pescador tem uma canôa
 E' êle mesmo é o remador...

Joga a rêde dentro d'água,
 Joga a rêde pescador.

Pescador tem uma cabana
 Onde mora o seu amôr.

Joga a rêde dentro d'água,
 Joga a rêde pescador.

IMPERIAL — MARINHEIRO

- E' noite... é noite de procela
 Vai o barco a navegar...
 Luta escura entre o vento e a vela
 Luta escura entre o homem e o mar.
- Na Armada Imperial
 Marinheiro vivia a velejar...
 Enfrentando o temporal
 Dominando as águas do mar!
- Marinheiro! Marinheiro!
 — Marinheiro Imperial!
 Marinheiro da Independência
 E da Banda Oriental
 Tua Pátria te deve muito
- Marinheiro Imperial!
 — Te deve o arrojado Greenhalgh
 O guarda-marinha imortal!
 Que arrebatou do inimigo
- A bandeira nacional!
 Te deve o chefe Barroso
 Que comandou a Esquadra Imperial!
- Marinheiro! Marinheiro!
 Marinheiro Imperial!
 — Marinheiro que no barco a vela
 Não temia temporal...
 Tua Pátria te deve muito
- Marinheiro Imperial!
 — Te deve Riachuelo
 A grande vitória naval!
 E onde Marcílio Dias
- Foi um bravo sem igual!
 Te deve Tamandaré
 Chefe supremo da Armada Imperial!

MENINA EU SOU MARINHEIRO

I

- { Menina eu sou marinheiro!
 { Moro nas ondas do mar!
 { Menina eu sou marinheiro!
 { Vivo sempre a navegar!

II

- { Quem parte sente saudade
 { Quem fica saudade tem
 Menina eu sou marinheiro!
 { Tenho saudade também!

III

- { O meu navio flutua
 { Sob o clarão do luar!
 { Menina um Raio de Lua
 { Me fez lembrar teu olhar!

IV

- { E' belo o céu infinito
 { Cheio de estrêlas sem par!
 { O mar também é bonito
 { Mas, eu só penso em voltar!

SÔBRE AS ONDAS DO MAR**I**

Sôbre as ondas do mar!
Meu navio de noite flutua
Sôbre as ondas do mar!
Caem raios prateados da lua...
Sôbre as ondas do mar!
Eu contemplo o céu e as estrélas!
Como é lindo o luar!
Sôbre as ondas do mar!

II

Meu navio é o companheiro
Que comigo enfrenta o mar!
Vai... Vai...
Meu navio a navegar!
Nestas noites a saudade
Em meu peito vem morar
Vai... Vai...
Meu navio a navegar!

3.ª Parte**LOUCURAS E FANTASIAS**

NÃO HÁ MULHER MÁ, SENHORES

I

— Escuta aqui, Mariana
Deixa um pouco a Americana
E chega junto à calçada...

Estás em teu natural?
Sentas algo de anormal?
Não desconfias de nada?

— Mas, que é isso, meu amigo,
Vais, me botar de castigo?
Agora estás contra mim?

— Nada disso, minha flôr,
Estou mesmo a teu favor,
Se não vejamos, enfim.

II

Estavas naquela roda
Tomando "Ice cream soda"
Com biscoitos enrolados...
Falavas de todo o mundo,
Zombavas de um vagabundo
Com os trajes todos rasgados;
Por isso que te chamei
Se fiz bem ou mal, não sei,
O caso é que não compreendo
Como ris de um sem trabalho,
De um pobre sem agasalho
Que vive triste, sofrendo!

III

Em meio a tantos palhaços
Que na esquina cruzam braços
Pra ver desfilarem vocês,
Não vejo por que razão
Tu te ris de um ancião
Que sofre como bem vês.
Se te risses do Paulinho,
Um rapaz de bigodinho,
Que se perfuma demais
Aí, sim, eu acharia
Bem aplicada a ironia
E até diria: ri mais.

IV

Se tu zombasses do Ormindo
Um moço que se diz lindo
Afirmando que é "Tyronne"...
Se falasses do Matias
Que passa dias e dias
Aos "trotes" no telefone...
Se ironizasses Germano
Que se diz americano
Do norte, só porque vai
Às vezes à aula de inglês
E pergunta ao fim do mês
— "Have you Money", papai?

V

Se motejasses Augusto
Que cismou a todo custo
Que é o "Robert Taylor" do Rio...
Se tu glozasses o Hilário
Que se diz milionário
E vive às custas do tio...
Se tu zombasses do Eustáquio
Que tem cara de batráquio
E usa cabelo comprido,
Se falasses desse moço
Que esconde todo o pescoço
Com o colarinho no ouvido...

VI

Se dêsses "jovens" falasses,
 Se dêsses todos zombasses
 Eu te daria razão...
 Mas, rires deste coitado
 Que ali vem todo alquebrado
 Francamente! Não e Não!
 ... E o pobre veio chegando
 A todos sempre implorando
 No santo nome de Deus!
 — "Uma esmola por piedade
 Senhores, por caridade,
 Teem fome os filhos meus!"

VII

Mariana comovida,
 Se bem que um tanto sentida
 Por toda a conversa minha,
 Teve um gesto lindo e nobre
 Chamou o tristonho pobre
 E lhe deu tudo o que tinha.
 E, uma lágrima pequena,
 Rólou na face morena
 De minha amiga querida...
 E ela chorando partiu...
 Mal de mim se despediu,
 Cabisbaixa e arrependida.

VIII

Esta lágrima brilhante
 Fêz-me sentir, nesse instante,
 Emoções interiores,
 E êste pranto tão sentido
 Deixou-me, então, convencido:
 — "Não há mulher má, senhores.
 A mulher é um sér divino,
 O coração feminino
 É escrínio de alto valôr...
 Um relicário sagrado
 No qual se encontra engastado
 O DIAMANTE DO AMOR



“VIAGEM AO INFERNO”

I

Deixei os livros na estante
E fugi do lar paterno,
Talvez imitando Dante,
Fui em visita ao Inferno.
Eu sou doido quando cismo...
Subindo a uma enorme serra,
Atirei-me lá no abismo
Descendo ao centro da Terra.

II

Bati ao portão do Inferno
Atendeu-me Satanás...
Perguntando meigo e terno:
— Que desejás bom rapaz?!
Respondi-lhe: — “Sou turista
Conheço o Rio e Petrópolis
E vim contemplar a vista
Que se goza em “Infernópolis”

III

Falou-me o demônio então:
— Póde entrar meu bom amigo,
Bata com força o portão,
E siga logo comigo.
E esse monstro pavoroso
Pior que Boris Karloff
Conduziu-me pressuroso
Ao imperador Satanoff.

IV

Um castelo deslumbrante
E de um luxo sem igual
Era o palácio gigante
Do imperador infernal.
Ao lado de Proserpina
Num trono de ouro e marfim,
O rei de cara assassina
Curioso olhou pra mim.

V

— Dondes vens, ó! estrangeiro?!
Do fogo não tens pavor?!?!
— Vim do Rio de Janeiro
Já acostumei com o calor.
— Sendo assim não é vantagem
Respondeu-me o rei depressa
— Mas, deixemos de visagem
E vamos ao que interessa.

VI

Satanoff levantou-se
 E chamou outro demônio:
 Este logo apresentou-se
 “Comandante Capetônio!”
 Disse, então, o rei do Inferno:
 — “Capetônio; segue em frente
 Leva este rapaz moderno
 Pra conhecer nossa gente”.

VII

Junto ao feio companheiro
 Andei por salas escuras
 E cheguei ao “Fogareiro”
 Onde assavam criaturas.
 Fogareiro era o local
 Dos pecadores terríveis...
 Um forno descomunal
 Cheio de brasas incriveis.

VII

Por sôbre as brasas tão quentes
 Esqueléticos, franzinos,
 Prêsos a fortes correntes,
 Gemiam os assassinos,
 Em dolorosos lamentos
 Os pecadores demais
 Pagavam com sofrimentos
 Os ses pecados mortais

IX

Tudo ali eram suplicios.
 Tudo eram gritos de dôr,
 Torturas, mil sacrifícios,
 Um verdadeiro pavor.
 Já sem poder suportar
 O medonho Fogareiro,
 Pedí para visitar
 Local de menos berreiro.

X

Levou-me, então, Capetônio,
 Ao casino lá do Inferno.
 Fôsse embora do Demônio,
 Era bonito e moderno.
 O diabo de um atleta
 Era o “speaker” infernal;
 Cabeleira de poeta
 Lá no inferno êle era o “tal”.

XI

Pegando no “infernofone”
 Exclamou: — “O! diabada!
 Apresento-vos Satone,
 O nosso rei da “embolada!!!”
 Satone logo surgiu
 Olhou, cantou, caiu fora,
 E assim o “show” prosseguiu
 Durante mais de uma hora.

XII

-- "Ormindá, a mulher-torpedo!
 Tingôr, o moço-avião!
 O tenor Braza Tancrêdo!
 O soprano Alba Fogão!"...
 E assim foram desfilando
 Cantores originais...
 Eu só ficava exclamando:
 Estes, sim, são infernais!

XIII

Finalmente pra acabar
 O "speaker" anunciou:
 -- "Nós vamos apresentar
 Lá da Terra, o eterno "show"...
 Mulheres lindas de fato,
 Quasi nuas a bailar...
 Deixaram-me estupefato
 Sem quasi poder falar.

XIV

Mas, reparai, ó! maldade!
 Que todos os que assistiam
 Eram cegos, em verdade
 Em vez de gozar, sofriam.
 Sem compreender a razão
 Daquele castigo horrível
 Eu disse ao demônio, então:
 -- "Explica êste caso incrível".

XV

Capetônio olhou-me bem
 E falou: -- "Vou explicar
 E vais entender também
 Êste caso singular:
 Nós somos bastante espertos,
 Satanoff tem juízo:
 -- Inferno de olhos abertos,
 Seria então Paraíso!!!

XVI

-- Tens razão, é isto mesmo...
 Retruquei-lhe sem demora.
 E depois de olhar a esmo
 Eu falei: -- Bem, vou-me embora.
 Capetônio acompanhou-me,
 Fez-me sair em primeiro,
 E, novamente, levou-me
 Ao falado Fogareiro.

XVII

Foi, então, que Capetônio
 Correu para segurar-me;
 O maléfico demônio
 queria, ao fogo, atirar-me.
 Fiz-lhe ver que era turista
 Descrevendo o Corcovado;
 Mas, êle exclamou: -- "Desista,
 Turista morre queimado".

XVIII

Então, Capetônio rindo
 Jogou-me ao fogo medonho,
 Vim caindo, vim caindo...
 E acordei... maldito sonho!
 Pois, eu havia sonhado
 Como é fácil de supor,
 Mas, enfim, eis-me acordado
 Pra consôlo do leitor!



"JOHN GRAY'S LIFE"

(A vida de João Graça)

I

Quando dermos o sinal
 Esta emissora infernal
 Fará a irradiação
 Do "fox" "Noite de Bruma"
 Que nos faz lembrar a espuma
 Do sabonete "Ilusão"!
 O cantor será "John Gray",
 O moço da voz "O. K."
 Do "swing" a chave mestra.
 Nosso "crooner" — simpatia
 Tem em sua companhia
 "Swing Boy's and his orchestra"!

II

... E o moço revira os olhos
 Pensando num mar de abrolhos
 Em meio à "Noite de Bruma" ...
 O seu canto adocicado
 De rapaz efeminado
 Não quer dizer coisa alguma.
 Ninguém sabe se é Inglês
 Ou, então, mau Português
 Dado a pronúncia horrorosa
 Porém, caso singular,
 O moço pôe-se a chorar,
 Em meio à noite brumosa!

III

... E a mocinha da cidade
 Que tem a futilidade
 Que é tão própria da incultura
 Liga o rádio extasiada
 Exclamando admirada
 — "Sou "fan" desta criatura!
 Que voz, meu Deus! que "talento"!;
 Este é o "crooner" cem por cento
 É o homem com quem sonhei!
 Deve ser Americano
 Do Norte; se não me engano,
 Mas, como canta o John Gray!

IV

Nada disso, senhorita,
 O moço da voz bonita
 Que canta chorando à toa
 É brasileiro de raça
 O seu nome é João Graça
 Ele nasceu na Gambôa;
 Não sabe nada de Inglês
 Nem conhece o Português
 Nunca foi de escola alguma....
 Canta no rádio sómente
 Não é nada, não é gente,
 É um simples coisa nenhuma!

V

Já aos dez anos de idade
 A sua mentalidade
 Era a de um vulgar cantor,
 Vivía despreocupado
 Inculto, desgovernado,
 Cantando sambas de amor.
 E, com vinte anos já feitos,
 Entre uns idiotas perfeitos
 Ele contava lorotas
 Era mestre na chalaça,
 Chamavam-no João Graça,
 O tal que conta anedotas.

VI

Um dia (quanta coragem!)
 No programa em homenagem
 Às fábricas de centeio
 João, por primeira vez,
 Fôz-se a cantar em Inglêss...
 E foi "gongado" no meio...
 Ele voltou carrancudo...
 Perseguram-me, foi tudo,
 Monologava tristonho...
 Coitadinho do João
 Fôra-se a grande ilusão,
 Lá se fôra o grande sonho...

VII

Voltou aos cafés de esquina
 Pensando: — "que triste sina
 Foi-se tudo o que sonhei!"
 Eureka! Achei! Afinal!...
 — "João Graça é um nome banal
 Vou mudá-lo pra John Gray!
 John Gray, "crooner" simpática!
 Faltava isto, eu sabia
 Que alguma coisa faltava;
 Eu bem vi naquela vez
 Quando cantava em Inglêss
 Quasi ninguém me ligava.

VIII

... John passou a noite insone
 Sonhando-se ao microfone
 A dominar a plateia...
 — "Não risos, não mais chalaça
 Nunca mais serei João Graça
 John Gray! Retumbante idéia!"
 Levantou-se; era bem cedo
 O sol escondido a medo
 Surgia a Terra espreitando...
 Por melhorar o solfêjo
 John Gray fêz um gargarejo,
 Ficou cantando... cantando...

XI

Mas ó céus! Estava rouco!
 Pudera... dormi bem pouco...
 Pensou o infeliz pardal;
 João não reconhecia
 Que a horrível voz que ele ouvia
 Era sua voz normal.
 Enfim, é chegada a hora...
 No estúdio da Rádio Aurora
 Ei-lo a esperar pela vez...
 Já haviam sido "gongados"
 Os "Três Boêmios Alados"
 E o conjunto "Embriaguês".

X

Depois, Maria Marmita,
 Uma creoula esquisita,
 Cantou a marcha "Inocência"...
 O gongo rapidamente
 Funcionou severamente
 Em socorro da assistência...
 O "speaker" chamou, então,
 O encabulado João
 E lhe perguntou baixinho:
 — "Seu nome é John Gray, rapaz?
 Francamente, isto é demais,
 Co' esta cara, rapazinho?!...".

XI

Mas, a obrigação cumprindo
 Falou o "speaker" sorrindo:
 — "Jonh Gray", o cantor moderno,
 Apresenta o "swing"-horror
 Mais louco que o próprio autor:
 "Black-out" às portas do Inferno!
 Mal começou a cantar
 O gongo fê-lo parar
 Ensurdecedoramente!
 "John Gray" quase fica louco
 E grita: — "Eu hoje estou rouco...
 Volto a cantar novamente!...".

XII

Voltou dez vezes seguidas...
 Dez vezes mal sucedidas
 Mas, um belo dia, então,
 Foi convidado a cantar
 De graça, pra começar,
 No programa do "Iusão".
 O sabonete invulgar
 Que lava qualquer lugar
 Com exímia perfeição...
 Tira cravos, tira espinhas,
 Dá brilho em escrevaninhas,
 Lava o rosto e limpa o chão!

XIII

Da espuma do sabonete,
 Surgiu nosso herói cacete
 Surgiu nosso herói pardal!
 Hoje em dia, anda "elegante"
 Como se fôra bastante
 Pra viver; o vil metal!
 Por isso é que, quando a gente
 Liga o rádio, incontinentemente
 Uma voz logo anuncia
 — "Iremos ouvir John Gray
 O moço da voz "O. K".
 Nosso "crooner-simpatia!"

XIV

... E a mocinha da cidade
Que tem a futilidade
Que é tão própria da incultura...
Liga o rádio extasiada
Exclamando admirada.

— Sou “fan” desta criatura!
Que voz meu Deus! que “talento”!
Este é o “crooner” cem por cento
É o “homem” com quem sonhei...
Deve ser Americano
Do Norte, se não me engano...
Mas, como canta o “Jonh Gray”!



CONVERSAS FEMININAS

Lá na Cinelândia, um dia,
Dava eu, o meu palpíte,
Quando avistei a Maria
Conversando co'a Judith.
Curioso, como sou,
Das duas me aproximei,
E, por isso, hoje aqui estou,
Pra contar o que escutei.

Falou primeiro Maria:
“Como vais Judithesinha,
Há quanto tempo não via,
Essa mimosa carinha.
Mas que belo penteado,
Que cabelo bonitinho!
Ele está todo ondulado,
Todo cheio de rolinho!

Sabes tu da novidade?...
 A Joaquina casou-se!
 Eu acho (não é maldade)
 Seu noivo suicidou-se,
 Porque, digo com franqueza,
 Ela é meio-abobalhada,
 E a tal senhora beleza,
 Não visitou a coitada...

Mudando de assunto agora,
 — Já viste meu chapéu novo?!
 Deixa a cabeça de fóra,
 É só pra enganar o povo,
 Não lhe noto utilidade,
 Porém, eu sou da alta roda,
 E talvez só por vaidade,
 Eu ando sempre na moda.

Judith, então, respondeu:
 — Maria, antes de mais nada,
 Olha pro vestido meu,
 Vê que fazenda alinhada.
 Admiro em demasia,
 Esta côr "marron glacé,"
 E em minhas roupas, Maria,
 Gosto sempre de um "plissé"...

Escuta, não é por falar,
 Sabes tu o que ontem vi?!
 Na cidade, a Dagmar,
 Com um vestido de organdi.
 Eu achei uma bobagem,
 Qual seria a idéia tua?
 — Então terias coragem,
 De sair assim à rua?!...

— Deus me perdoe Judith,
 Não gosto de falar mal,
 Mas, organdi é palpíte.
 Pros dias de Carnaval,
 Eu não culpo Dagmar,
 Porém, sou forçada a rir,
 Tem dinheiro pra gastar,
 Mas..., não sabe se vestir...

... E a conversa prosseguia,
 Cada vez mais animada,
 Eu por trás delas ouvia,
 Tôda e qualquer "tesourada".
 Após uma longa hora,
 De fútil conversação,
 A Maria, foi-se embora,
 Judith, entretanto, não.

De estar só moça não gosta,
 Quem iria ela encontrar?
 Logo após tive a resposta,
 Pois, chegou a Dagmar,
 Beijaram-se com cuidado.
 E a conversa veio então,
 Eu fiquei todo esticado,
 Prestei máxima atenção.

Já certo do que ouviria,
 Nem foi surpresa pra mim,
 Escutei o que eu queria,
 Depois fui-me embora enfim...
 Vejam só o que se dava,
 Meu Deus do céu! quem diria?!...
 — A Judith criticava,
 A sua “amiga” Maria!!!



O GUARANÍ SÉCULO XX

I

Dos romances brasileiros
 Cheios de encanto sem par,
 O primeiro entre os primeiros
 Ê o Guaraní de Alencar!
 Fala de um índio: Perí
 Que sentiu imenso amor
 Pela donzela Ceci
 Tipo lindo, encantador!

II

Num cenário majestoso
 De rica vegetação,
 Êsse tal índio — amoroso
 Sofria do coração.
 Quem causava êsse penar
 Quem lhe inspirava paixão,
 Vejam só! Maldito azar!
 Era a filha do patrão!!!

III

E, depois de mil perigos,
 Num lance arrebatador
 Este conto, meus amigos,
 Teve fim comovedor.
 Mataram toda a família,
 Eis o fim do "O Guarani",
 Restando apenas Cecília
 E o fiel índio Perí...

IV

... Este romance de outrora
 Repete-se hodiernamente...
 Perí e Cecí agora
 Mudaram completamente
 Perí moderno é também
 Um índio de bom tamanho,
 Vai à praia e de lá vem
 Com um simples calção de banho!

V

Á Cecí êle namora...
 Será que Cecí não vê
 Aquelas pernas de fora
 Cabeludas como o quê?
 Mas, Cecí é assim mesmo,
 Se se vê, Cecí não vê,
 Mas, se acaso, olhar-se a esmo
 Se se não vê, Cecí vê!

VI

Enfim ela é diferente...
 Vai à praia e pinta o sete,
 Mas, só pra enganar a gente
 Raspa as pernas com gilete!
 Os dois juntinhos na areia
 Causam dó no coração...
 Ela parece sereia...
 Ele é tal qual tubarão!

VII

Perí, louco-apaixonado,
 Implora um beijo à Cecí...
 Esta faz um ar zangado...
 E se oferece a Perí.
 Após o beijo ditoso,
 Em profunda prostração,
 Perí pergunta nervoso
 E cheio de excitação:

VIII

— Meu bem, fui eu o primeiro
 A quem beijaste, pois não?
 Ela responde ligeiro
 — "Meu benzinho, pois então?!"
 Foi essa a primeira vez,
 Diz-lhe Cecí com as mãos juntas:
 — "Mas, porque todos vocês
 Têm sempre as mesmas perguntas?"

IX

Perí responde — Desisto!
 Nunca pensei, francamente!
 Se já te disseram isto
 Já beijaste muita gente!
 Ceci pede: Espere um pouco,
 Perí, façamos as pazes,
 Só beijei você, meu louco,
 E mais trinta e dois rapazes...

X

Perí diz um desaforo,
 Ceci diz outro maior,
 Pronto... acabou-se o namôro
 A vida assim é melhor.
 Contam mesmo que Ceci,
 Mas, que garota sapeca,
 Brigou tanto com Perí
 Que até o deixou careca!

XI

Ceci em Copacabana
 Levou uns "diretos" duros
 Por isso a todos engana
 Vive de óculos escuros.
 Perí, só mesmo indo vê-lo
 Não posso mostrar aqui
 Fêz crescer tanto o cabelo
 Que até parece Ceci!

XII

Ele, agora, é o tal granfino,
 A ignorância dansando,
 Tem um pescoço taurino,
 Lembra o touro Ferdinando...
 Ceci então, f'esconjuro!
 Fala em gíria, anda sósinha
 E o seu sonho de futuro
 É um Perí... de baratinha!...

XIII

... E aqui termina essa história
 Do moderno Guaraní,
 Na qual Ceci teve a glória
 De se atracar com Perí.
 — Senhoras mães de família,
 Atentai na filha amada
 Fazei valer a Cecília.
 Que o Perí não vale nada!

ROMEU E JULIETA SEC. XX

I

Julietta, um certo dia,
Encontrou-se com Romeu,
Logo, entre os dois, quem diria?
Um grande amor floresceu.
Se não me falha a memória,
Veio a desgraça depois...
E o fim de toda essa história,
Sepultura para dois.

II

E, assim, nos conta o romance,
De Shakespeare imortal,
No qual Romeu teve a "chance",
De abater o seu rival.
Longe vai tempo de outróra,
E a lição que ele nos deu.
A Julieta é outra, e agora
Bem diferente é o Romeu...

III

A Julieta, coitadinha,
Junto ao papai faz "tricot".
Quando êle sai, a "santinha",
Vai á praia de "maillot".
Quando acorda é pavorosa,
Busca logo o seu carmin.
E diz, na praia, vaidosa:
— Romeu, fico bem assim?

IV

Agora o Romeu moderno
Ê forte como um leão!
Porém quando tira o terno,
Meu Deus! que desilusão!!!
Em vez de um porte leonino,
Qual o heroi de Capulêto,
O coitado é tão frânzino,
Que mal aguenta o esqueleto!!!

V

Julietta vai ao cinema,
Para encontrar o Romeu,
Êste logo aplica o lema:
— "Cada um que pague o seu"!
Ela então pede: — "uma inteira",
E espera o Romeu galante,
Êste puxa da carteira:
— "Meia entrada prá estudante".

VI

Depois, os dois, vão à festa,
 Meu Deus do céu! t'esconjuro!
 O pobre Romeu detesta,
 O tal colarinho duro!
 Julieta lânguida e quêda.
 Nem faz caso do calor,
 Põe combinação de seda
 E diz que é "traje a rigor"!

VII

Romeu dança enternecido,
 Vai pra frente, marcha-a-ré,
 Diz-lhe Julieta ao ouvido:
 — "Sai de cima do meu pé!"
 Romeu fica enraivecido,
 Perdendo aquele olhar terno,
 E responde enfurecido:
 — "Ó Julieta, vá pro inferno"!

VIII

O final já se avizinha,
 Tal e qual como se deu,
 Julieta ficou sózinha,
 Mandou embora o Romeu,
 Vai para casa tristonha,
 Chorando de ódio e rancor,
 Pois o Romeu, sem vergonha,
 Acabara o seu amor.

IX

E o que, por fim, acontece,
 A gente lê no jornal.
 Nas edições aparece,
 Em letra descomunal:
 — "APÓS UM LONGO RETIRO
 DOS NOSSOS BAILES DE ESCÓL.
 ROMEU MATOU-SE COM UM TIRO,
 JULIETA BEBEU LISÓL!"



O MORTO-VIVO

Era noite! Chovia! O sól raiava,
Elefantes pulavam galho em galho,
E o frio, tal calor comunicava
Que, de nada, servia um agasalho.

Vindo do Norte, o vento Sul soprava,
Trazendo-me um aroma sufocante
— Ouvi a voz de um mudo que falava,
Era um cadáver, morto, agonizante.

Um homem velho, em plena juventude,
Com uma caréca enorme e cabeluda,
Morrera enfêrmo, cheio de saúde,
Tendo a face risonha bem sizuda.

Cheguei-me e perguntei-lhe indignado:
— “Há quanto tempo estás neste lugar?...
— Silêncio... vejam só, que malcriado,
O defunto teimava em não falar.

Calmamente eu perdi a paciência,
Tive vontade de meter-lhe um murro,
De mansinho, gritei com violência,
— Levanta-te do chão, defunto-burro!

Nesse instante (parece até mentira),
Morto-vivo exclamou de mau-humor,
— Deixe-me aqui, daqui ninguém me tira,
Na sepultura... uff... que calor!

Valente, como sou, eu quis gritar,
Porém, mudei de idéia, e, num instante,
Ao longe, num café eu fui buscar,
Um refresco pro morto-agonizante.

Voltei cedo demais, já era tarde,
 Todo encolhido com seu porte altivo,
 O valente-cadáver, (que covarde),
 Morrera; estava morto, o morto-vivo.



Um tal susto levei que fiquei mudo
 Gritei, tão baixo, que nem mesmo ouvi,
 Fiquei cego e enxergando aquilo tudo,
 Vendo um morto morrer, também morri.



A DIVINA COMÉDIA SÉCULO XX

I

Num bar, lá no Paraíso,
 Estavam antigos sábios...
 Na boca um leve sorriso,
 E lindas frases nos lábios.
 Entre outras celebridades,
 De variadas nações,
 Comentavam novidades,
 Virgílio, Dante e Camões.

II

Puxando de um grande isqueiro
 E acendendo um "charutão",
 Virgílio falou primeiro,
 Chamando logo atenção:
 — "Minha vida foi tristonha...
 Que fazer? Deus assim quis...
 Eu sonhei e quem mais sonha
 É tanto mais infeliz!..."

IV

Meus dias, passei-os triste,
 Numa cruel solidão. . .
 Quem nasceu poeta existe
 Pra sofrer do coração. . .
 Mas, hoje estou cá no céu,
 Minha vida é só prazer,
 Não escrevo, vivo ao léu,
 Sem ter nada por fazer. . .

III

E, me divirto sómente,
 Lendo os "poetas" de agora
 É tanta asneira que a gente
 De tanto rir quasi chora! . . .
 E Virgílio, finalmente,
 Deu por terminado o assunto,
 Exclamando sorridente:
 -- "Eu gosto de ser defunto"!

V

Ninguém deu opiniões
 Pra não bancar importante.
 Mas, logo disse Camões:
 -- "Fala tu, amigo Dante".
 E, Dante, calmo e sereno,
 Puxou um leve pigarro,
 Bebeu seu café pequeno,
 Acendeu um bom cigarro,

VI

E disse: -- "Eu também sonhei,
 Um sonho lânguido e terno.
 Meu pensamento passei,
 Pêlo céu e pêlo inferno:
 No céu não houve perigos,
 Na doce paz do Senhor. . .
 Mas, no inferno, meus amigos,
 Francamente, que calor!!!

VII

Eu quasi perco o juízo,
 E por pouco me derreto. . .
 Hoje estou no Paraíso,
 Com Satanás, não me meto.
 Pois não é gôsto pra mim
 Ser cozinhado em marmitas,
 E escutar no botequim
 -- Carne de Dante com fritas!

VIII

E, Dante, então, ficou mudo
 Talvez em meditação. . .
 Mas Camões que ouvira tudo,
 Logo exclamou: "Atenção" . . .
 "Eu vou lhes contar, colegas,
 Minha vida em Portugal.
 Porém esperem que o degas,
 Acabe êsse bacalhau.

IX

Pôs na boca um bom palito,
A comida deglutiui,
Deu um "soluço esquisito",
E sua voz logo se ouviu:
— "Alma minha" que partiste
E que chegaste atrazada,
Minha vida tu bem viste
"Como ela" me foi pesada.

X

Cesse a inspiração, ó musa,
Pois hoje é que eu vivo bem,
Co'a valente gente lusa,
No céu, fiz um armazém.
Por isso, fora a poesia,
Que não agrada ao freguês...
E em profunda nostalgia,
Calou-se o bom português.

XI

E o silêncio novamente,
Veiu cair sobre os três,
Quando uma voz diferente
Ouvir-se por sua vez.
Era São Pedro gritando
De cara feia, zangado:
— "Vocês estão farreando!
Virgílio está embriagado?!!!"

XII

Mas, isto é de enlouquecer,
Que poetas sem juízo!
Pois vocês três vêm beber
Logo aqui no Paraíso?!
Mas que garotos levados
E, por fim, São Pedro exclama:
Vocês vão ser castigados
Todos três já para a cama!



OLHANDO ESTRÊLAS

Olhando, fico, às vezes, tristemente,
Alta noite, êste céu todo estrelado...
E deito, após, o olhar languidamente,
Por êste mundo, o berço do pecado.

Eu noto nas estrêlas virgens puras
Isentas de pecado e tentações...
Em humanas-estrêlas, as creaturas,
Só vejo corrompidos-corações.

E sinto que as estrêlas sempre belas,
Pelo brilho imortal que em si resumem,
São serenas, são simples, são singelas...

Enquanto neste mundo vangloriado,
Vaidade e orgulho já tal ponto assumem
Que o mais ínfimo brilho é decantado!

O TEU SORRISO

O teu sorriso é o mais sublime encanto,
Que Deus, tão sábio, pôs em nosso mundo...
Redime o sofrimento, a dôr, o pranto...
E nos causa alegria, amor profundo.

O teu sorriso é um símbolo fulgente,
De luz, inspiração, encantamento,
É tudo o que há de belo, de inocente,
Aurora de um amor, deslumbramento.

O teu sorriso é o bálsamo divino,
Que o Senhor ofertou ao meu destino,
Por tua bôca linda e apetedida.

O teu sorriso é um sonho de ventura,
Um poema de amor e de ternura,
O teu sorriso, enfim, é minha vida!

"OS MISERÁVEIS" "Sec. XX"

I

Arrastando-se na lama,
Gemendo ao péso dos ais,
Tendo a calçada por cama,
Por travesseiro jornais,
Quasi sempre embriagados,
Cobertos de pano imundo...
São assim os desgraçados,
Os miseráveis do mundo.

II

Mas, há outros miseráveis,
Da mais alta sociedade...
São êsses moços amáveis,
Cheios de luxo e vaidade,
Que levam vida ditosa.
Cercados de altos amigos,
Tem aparência garbosa,
Mas, não passam de mendigos.

III

Sobre os míseros e aflitos,
Já Victor Hugo escreveu,
Sobre êsses moços bonitos,
Quem escreve agora, sou eu.
Êles se fazem de nobres
E importantes, nesse mundo,
Entretanto, são mais pobres
Do que qualquer vagabundo.

IV

Pois, o pobre verdadeiro,
De compleição quase tísica,
Sente falta de dinheiro,
E possui miséria física;
O pobre da sociedade
É orgulhoso e banal,
É um fraco, um sem-vontade,
Um miserável moral.

V

A sua vida é fictícia,
Sem vislumbre de ideal,
Seu pensamento malícia,
Seu destino o vegetal;
Porque todo o humano ente
Que, pelo mundo passou,
Sem um ideal na mente,
Jamais viveu vegetal.

VI

Nós devemos dar esmóla,
 A quem tem necessidade.
 O Saber, resume a escola.
 Da mais santa caridade.
 Merece glórias, no mundo,
 Quem dá ao que estende as mãos,
 Pois, o rico e o vagabundo,
 Na lei de Deus, são irmãos.

VII

Portanto, ao pobre de fato,
 Livrêmo-lo de seus aís,
 Pois ele é o humano retrato
 Do mais divino dos pais!
 Ao outro ao pobre da terra,
 Que aos prazeres vive prêso,
 A êle: façamos guerra,
 A êle: o nosso desprêso.

HISTÓRIA DO MUNDO

I

Quem é bom já nasce feito...
 E, um dia, nasceu Adão,
 Reclamando insatisfeito
 Contra a incrível solidão.
 — Nascido o primeiro homem
 Nasceu a Reclamação

II

Deus, então, para consólo
 Aquêle triste varão...
 De uma costela do tolo
 Fêz a sua perdição
 -- Nascida a mulher primeira
 Nasceu logo a Tentação.

III

No Paraíso Selvagem
 Vivia o casal em paz...
 Também não era vantagem
 Não havia outros casaís...
 — No Paraíso um é pouco,
 Dois é bom, três é demais...

IV

— Por isso, quando a serpente
 Tentadora apareceu...
 Eva esqueceu, de repente,
 As ordens que Deus lhe deu.
 — E em meio a tanto abacate
 Foi a maçã que os perdeu.

V

E essa fruta proibida,
 Precursora do pecado,
 Ainda hoje é vendida
 A mancheias no mercado.
 — E o freguês, que a compra agora,
 Inda exclama: — fui roubado!

VI

Mas, pelo seu sacrilégio,
 Paj Adão foi castigado...
 Qual menino de colégio
 Foi expulso e reprovado
 — Quem não tem média em Virtude
 Vive, no mundo, atrasado...

VII

Pegaram os dois no "batente"
 Que amargava como fêl...
 Para ajudar essa gente
 Nasceram Caim e Abel.
 — Os dois primeiros rapazes
 Nasceram fóra do Céu.

VIII

Caim era malcriado
 Sem um pingo de instrução...
 E, por isso, o desalmado
 Sentia inveja ao irmão.
 — Abel, sujeito direito,
 Tinha, dos céus, pistolão.

IX

Caim, que era rancoroso,
 Assassinou seu irmão...
 Depois ficou desgostoso
 Com a própria má ação.
 — Matou com este ato imundo
 A quarta parte do mundo.

X

Adão e Eva, coitados
 Choravam de causar dó,
 Dos seus dois filhos barbados
 Agora restava um só.
 — Nenhum netinho existia
 Pra consolar sua avó.

XI

Era Eva quem dizia
 Estas palavras finais...
 Enquanto Adão refletia
 Sobre a falta dos jonaís
 — Pediu três filhos a Eva
 E ela deu-lhe "Seth" ou mais.

XII

Deu tudo o que Adão queria,
 Afetos, filhos, amor...
 De cada filho surgia
 Um novo trabalhador
 — Todos, todos trabalhavam
 Pois ninguém era Doutor.

XIII

Enfim os filhos casaram
 Assim como outrora os pais
 E este mundo edificaram
 Mundo de guerras brutais.
 — Por mais que Adão se esforçasse
 Fêz um mundo de Animais!

MODOS E MODAS

I

Artur! que coisa esquisita!
 Alí... aquela mocita,
 Saindo da Brasileira...
 De exhibir-se ela tem sêde,
 Usa no crânio uma rêde,
 Envolvendo a cabeça!
 Ela parece doente!...
 A sombrancelha é sómente,
 Um risquinho de "crayon"!
 Mas, que pobre criatura,
 Como abusa da pintura!
 Como põe mal o baton!!!

II

Traz a bolsa pendurada,
 Veiu de alguma caçada?!
 Ou eu não estou vendo bem?
 Respondeu-me, Arthur, então,
 — Não é nada disso, não,
 Aquilo é moda também.
 — Estás brincando comigo,
 Eu não creio, caro amigo,
 No que dizes da menina;
 E por isso, vou agora,
 Nesse instante, sem demora,
 Falar co'essa tal granfina.

III

— Com licença, senhorita,
 De longe achei-a bonita,
 Aproximando-me então,
 Isso faço raras vêzes,
 Sou Luiz Felipe Menezes
 De Magalhães, seu patrão.
 Falou a moça: — isto não,
 Eu nunca tive patrão,
 "Deixes" destas brincadeiras,
 Sou a Júlia Mariana,
 E moro em Copacabana,
 Não sei talvez "se me queiras".

IV

Mas, se de mim "se agradares",
 Poderás "me visitares"
 Lá em casa hoje à noite "vai".
 Sou uma jovem direita,
 Só ficarei satisfeita,
 Se falares com papai...
 (Meu Deus do céu! que desdita!)
 Respondi-lhe: — Senhorita
 Desculpe-me interrompê-la,
 Só vim falar-lhe um momento,
 Nem pensei em casamento,
 Quis apenas conhecê-la!

V

A moça ficou raivosa,
 E me disse rancorosa:
 — "Tu nem parece educado"
 "Viestes" me namorar
 "Foi" só pra se aproveitar,
 Não é assim?! Malcriado...
 Eu não pude mais, confesso,
 E retruquei-lhe possesso,
 Malcriado, não, menina.
 Eu nada lhe fiz de mais,
 E sou até bom rapaz,
 Modestia á parte, grandinha.

VI

Porém, eu não sou culpado,
 De você me haver julgado,
 Com palavras tão brutais;
 Nada disso Mariana,
 Vocês de Copacabana,
 São tipos originais,
 Pois, com raras exceções,
 Pensam qu enós, os varões,
 Julgámo-las divindades,
 Enganam-se totalmente,
 Os rapazes, geralmente,
 Adoram facilidades.

VII

São poucos os que se calam,
 Escute bem o que falam,
 Em sua estranha linguagem:
 — "Aquela, sim, vale a pena,
 É um pedaço de morena,
 E além disso, dá vantagem!
 Dai a celebridade
 Que têm vocês; em verdade,
 Poucas sabem que hoje em dia,
 Quanto mais amor se jura,
 Mais fingida é a creatura,
 Bem maior a hipocrisia.

VIII

Amor, ou algo que o valha,
 Não é coisa que se espalha,
 Como a poeira no chão;
 Quem ama é um sêr diferente
 Não fala, é pouco eloquente,
 Pois é mudo o coração...
 É por isso Marina,
 Que, ás vêzes, você se engana.
 Quando acredita em rapaz...
 E, além disso, vou ser franco,
 Isso de andar de tamanco,
 Carregador também faz.

IX

Vá pra casa direitinha
 E quando, pela noitinha,
 Você for, então, deitar,
 Tire a rêde da cabeça,
 E êsses tamancos não esqueça,
 De, com cuidado, tirar,
 Pois, senão, a inquilina.
 Do andar de baixo, granfina,
 É capaz de se zangar.
 A vida de apartamento,
 É vida de apertamento,
 Aperta em vez de apartar.

X

Por falar em apêrto, parto,
 Já que de você me aparto,
 Sua mão quero apertar,
 Perdoe minha franqueza,
 Você tem muita beleza,
 Porém não a sabe usar.
 Em conclusão, ó vaidosa,
 Tire essa rêde horrorosa,
 E êsse tamanco infernal.
 E não fique assim zangada...
 Para andar fantasiada,
 Já não chega o carnaval?!!!



NÃO JOGUE! O JÓGO É RUINA!

I

Feito! Preto vinte e seis!

Jógo!... e mais uma vez

Ouve-se a voz do "boleiro"...

Os nervosos jogadores,

Ou melhor, os perdedores,

Trocam por fichas, dinheiro!

— "You jogar no vinte e sete",

Diz baixinho o Pasqualete,

Cheio de fichas na mão...

Roda a bola, pano cheio...

Dá um vermelho no meio

Mas, o vinte e sete; não!

II

— "Azar! Mas parece incrível!

Agora dá, não é possível,

A bolinha passou perto...

Não ganho há quasi uma hora

Vai ser vinte e sete agora

Desta vez o golpe é certo!!!.

Vai a bola, novamente,

Pulando nervosamente,

Jogada com todo o esmero...

— "Feito"! e uma voz irritante

Grita logo, nesse instante,

— "Ganha a casa! Deu o zero"!

III

Chega uma velha correndo

— "Eu bem que estava dizendo

Que daria zero ou três"!

O pobre do Pasqualete

Olha, olha o vinte e sete...

Mas, não joga desta vez...

Lá vai pulando a bolinha,

Dez voltas... uma voltinha

E, num buraco se mete...

Mas céus! que tristeza imensa!

Pasqualete ouve a sentença:

— "Deu vermelho vinte e sete!!!

IV

O rapaz aperta a mesa
 E exclama — “Eu tinha certeza”
 Que este misero daria
 E ele foi dar logo agora
 Que eu estava olhando de fora,
 Santo Deus! Ave Maria!
 ...Ele foi dar logo agora!!
 Repete o moço e não chora
 Porque há muita gente vendo...
 — Coitado do Pasqualeta,
 Mesmo dando o vinte e sete,
 Ele sempre sai perdendo...

V

— Só tenho a última ficha...
 Vamos ver se a “buena dicha”
 Vai afinal se ajudar...
 Bem, já deu o vinte e sete
 Quem sabe se ele repete,
 Vale a pena me arriscar!?
 Não! Faço um calculo agora...
 Vinte e sete... nove fóra
 Dá zero, como é que não,
 Tudo no zero!!! E a bolinha
 Vai pulando, cai tontinha...
 — “Vermelho! Repetição”

VI

O rapaz fica nervoso,
 Sente-se mal, tormentoso
 É o seu estado de alma,
 Ele grita, gesticula
 E a bolinha pula, pula,
 Como a dizer: — Tenha calma!
 Eu também vivo nervosa
 Nesta faina pavorosa
 De pular, pular a tôa!
 Sou bola, pulo de graça
 Distribuindo desgraça
 Para muita gente boa!

VII

Sou feita em geral de massa,
 Porém, se fazem “trapaça”,
 Quando a casa está perdendo,
 Minha irmã é convocada
 Porquanto ela está “chumbada”
 E tem vícios que só vendo!
 Eu pulo aqui há vinte anos
 Cercada de verdes panos,
 Fazendo o serviço meu,
 Já ví fortunas perdidas
 Vi perdas de muitas vidas
 A casa... nunca perdeu!...

VIII

... Fica doente o fulano
 Olha, louco, o verde pano,
 Xinga, por dentro, o boleiro. ...
 Remexe o bolso a criatura,
 Só lhe responde a costura,
 Nada! nada de dinheiro!
 Corre os olhos pela sala
 Sua língua seca estala,
 A garganta se comprime
 Mas, o infeliz não socega
 Anda em busca do colega
 Que o trouxe ao "local do crime"!

IX

Encontra-o finalmente:
 — "Armando, diz febrilmente,
 Arranja algum emprestado...
 Responde Armando sizudo
 Emprestar! pois perdi tudo
 No "bacarat" do outro lado...
 Abre a carteira o rapaz
 Uns retratos, nada mais
 Só há mesmo uma notinha
 Suja, feia, remendada
 A japonêsa falada
 Tristonha, humilde, sózinha...

X

— "Dez tostões eles não vendem!!!
 Seus olhos porém se acendem
 Ante uma idéia genial;
 Atira ao pano o dinheiro
 — "Ganhei!" porém o boleiro
 De lhe pagar nem sinal.
 Ele protesta, reclama,
 Em seu rosto brilha a chama
 Do homem que quer lutar!
 Avança para o boleiro
 O que ele quer é dinheiro
 Mas, o outro não quer dar.

XI

Ofensas! Briga! Tumulto!
 Um tabefe! Novo insulto!
 Entra a polícia na cena!
 Vem logo de casse-tête
 Em cima do Pasqualete
 Que apanha que até da pena!
 E a seguir arrastado
 E, para fora enxotado
 Pelos polícias da casa;
 Ei-lo, então, em plena rua,
 Deitado ao clarão da lua,
 Está febril! Arde em brasa!...

XII

Um filósofo que passa
 Contempla aquela desgraça,
 Ouve o caso atentamente,
 Conclue que o moço é educado,
 Trabalha, é bem colocado,
 Porém, joga incrivelmente.
 Dá-lhe um conselho paterno,
 Desamarrota-lhe o terno,
 Diz-lhe que o jogo é ruína!
 Prova-lhe que o verde pano
 Transforma o gênero humano
 Em simples mão-assassina!

XIII

Promete estender-lhe a mão
 Por tirá-lo à escravidão
 A que seu vício lhe chama;
 Faz-lhe ver que os jogadores
 São tipos inferiores
 Que acabam sempre na lama...
 Diz-lhe que busque uma igreja...
 Pergunta-lhe o que deseja,
 Responde-lhe o Pasqualete.
 — Eu só desejo que o amigo
 Volte ao casino comigo
 Pra eu jogar no vinte e sete!

“GLORIA AO AMOR”

Do pranto, é que nasceu felicidade,
 Pois, a alegria é um bálsamo da dôr.
 Ninguém pode viver sem amizade,
 Como, sem água, não viceja a flor.

Navegando, sujeito à tempestade,
 Nem só bonança encontra o viajor;
 Todos sofrem no mundo, é bem verdade,
 Sem sofrimento não existe amor.

Duas almas na terra, sempre unidas,
 Duas vidas, em uma, resumidas,
 Dois corações num mesmo pensamento...

E duas mentes gêmeas, na vontade
 De se unirem por toda a eternidade...
 Isto é o Amor! Sublime sofrimento!...

FELICIDADE

Muitos julgam encontrar felicidade
Em poder dominar o mundo inferno,
Satisfazendo tudo o que é vaidade,
E em se fazendo escravos do dinheiro...

Pensam, outros, no entanto, em encontrá-la,
Afastando, de si, toda a tristeza,
Teimam, por fim, alguns em procurá-la
Em se fazendo escravos da beleza.

Os que assim pensam, erram gravemente
Quem mil prazeres tem no pensamento,
Procura ser feliz inutilmente...

É no amor verdadeiro, na amizade,
É na dôr, na tristeza e sofrimento,
Que se pode encontrar FELICIDADE...

SÚPLICA

— Ó Deus! aqui de joelhos vos imploro,
Livrai-me dêste amor, dêste tormento!...
— E, sem sentir, enquanto rezo eu choro,
E mais e mais aumenta o sofrimento...

Pois, sobre o altar eu penso em ti, querida
Recordo o teu carinho, o meu passado,
O tempo em que tu foste, em minha vida,
A Deusa do meu culto apaixonado...

Mas, hoje em dia, nosso amor distante...
Ao pé do altar eu venho suplicante,
Imploro-te esquecer, mas, tudo em vão...

Buscando debelar meu louco anseio,
Eu baixinho murmuro que te odeio
Ludibriando o próprio coração!...

HINO DE PRAZER

Tanjam sinos no templo do meu sér!
 Cantem, meus lábios, salmos ao Criador!
 Ergue a voz, ó minha alma, ao teu Senhor,
 Entoa a Cristo, um hino de prazer!

Liberta, coração, o teu sofrer!
 Arranca de teu seio, a antiga dôr!...
 Já não sou o tristonho sofredor,
 Já não vivo no mundo a padecer...

Pois a sublime Deusa do meu pranto,
 Divina inspiração de um triste canto,
 Veiu dar luz e vida ao seu cantor!

Terminou minha louca ansiedade,
 Meu sonho, enfim, tornou-se realidade,
 Voltou, a mim, o meu primeiro amor!

ESTRADA DESERTA

Minha vida era triste... uma estrada deserta...
 Onde tudo eram lágrimas falsas de amor...
 Eu errante seguia... minha alma ia incerta
 E trilhando comigo o caminho da dor!

Teneroso eu chorava; de ouvidos alerta
 Percebia o perigo — sentindo pavor!
 Tudo aquilo que havia na estrada deserta
 Era a angustia, o remorso, a saudade, o horror!

Certa noite, entretanto, no meio da estrada
 Avistei uma luz! Qual num conto de fada
 Uma estrêla surgiu! (Portentoso troféu!)

E, amorosa, guiou-me na trilha da vida...
 Sou agora feliz pois, tu foste querida
 Essa estrêla cadente fugida do céu!

DUELO EMOCIONAL

Travou-se, em mim, o duelo emocional
Entre o orgulho ferido e a consciência...
Esta pedia sempre por clemência,
Clamava por vingança o seu rival...

E a luta persistia... Era fatal
Que um se rendesse à falta de potência...
Entregou-se, por fim, a consciência
Ante a força do orgulho tão brutal.

Eis a razão por que fui teu calvário,
Julgou, o meu orgulho, necessário
Que não ouvisse a voz do coração.

Eu maculei teus puros sentimentos,
Deixa-me, pois, viver em sofrimentos,
Mil vezes, não! não quero o teu perdão!

JARDIM TRISTONHO

A minha vida é espinho sôbre espinho...
E os espinhos recebo de umas rosas,
Que por serem tão meigas e formosas,
Quase sempre me negam seu carinho...

Mas, entretanto, sigo meu caminho...
Noutros jardins encontro novas rosas,
Mais belas, mais sutis, mais perfumosas,
E, ainda assim mesmo, sinto-me sôzinho.

Só porque, jardineiro de mil flores,
Cultivei no jardim de meus amôres
Uma rosa que lembro com saudade...

Pois, um dia, encontrei-a emurchecida...
Ai de mim! que me vale a triste vida?
Chamava-se esta flôr... FELICIDADE.

VINGANÇA

Da tua hipocrisia e do teu pranto,
 Não me prendem, mulher, êsses grilhões...
 Jesus-Cristo foi Deus, mas, entretanto,
 Também, correu, do templo, os vendilhões...

As máguas que hoje tens; eu tó garanto
 Nem de leve me causam emoções...
 Não me cega esta luz do teu encanto,
 Sou a vingança de outros corações...

Tu foste vil. Traiste friamente
 Aquêlê amigo meu que, infelizmente,
 Durante a vida sempre te quis bem...

Chegou, porém, o dia da vingança.
 Hás de guardar-me sempre na lembrança,
 Sofre agora, mulher, chora também!

MAGNA VINGANÇA

Aos teus dizeres já nem dou respostas,
 Pois atribues a mim, o que nem fiz.
 A quanta falsidade tu te arrostas...
 Covarde que tu és... pobre infeliz.

Eu não sou dos que pedem de mãos postas
 Elogios banais, frases servís.
 Nem temo dos que falam pelas costas,
 As invetivas pérfidas e vís.

Se me ocupo de ti é, simplesmente,
 Para dizer-te, apenas, francamente,
 Que contigo não estou nem mesmo irado...

Ê vão imaginares que me feres,
 O que anseio é que tu te regeneres,
 Pra que eu possa dizer: estou vingado!

SUSPIROS DOLENTES

Ouve, querida, a voz do teu amor!
Minha vida reside em teu olhar!
Vivo sempre implorando ao bom Senhor,
A graça de a teu lado sempre estar.

Vem a meus braços, luz de minha vida,
Sou teu e tu és minha eternamente...
Não suspires assim minha querida,
Qual a dôr que te torna pênitente?...

— E a moça respondeu que chorando:
— “Querido, não me encontro suspirando,
E, sim, gemendo, embora infelizmente...”

— Porque gemes, então, minha beldade?
E ela responde: — “Eu choro de verdade,
Estou com uma terrível dôr de dente”!

MATEMÁTICA DO AMOR

Uma “série” de amôres eu já tive,
Em “proporção crescente e definida”,
Porém, cheguei a um “térmo”, o último vive,
E, “a razão” dêste amor, és tú querida.

Meus prazeres se vão “multiplicando”,
E o “círculo” do amor mais inda aperta.
Somos felizes, sim, mas até quando?
Eis o “problema” que êste amor desperta.

Somos nós dois os “dados da questão”,
E, por fim, resolvendo esta “equação”,
De tão feliz reprimos, a custo, um grito.

Traçando o nosso “gráfico” amoroso,
Muito mais eu me sinto venturoso,
— Querida, a “solução” foi o “infinito”.

FRAQUEZA

A vida é um conjunto triste,
De amargas desilusões,
Mas, assim mesmo, inda existe,
Muito amor nos corações.

Por isso, quando partiste,
Eu senti mil aflições,
O forte ao amor resiste,
Mas, eu sou fraco em paixões.

Sou fraco porque te quero,
Porque eu adoro e venero,
Teus olhos meigos, formosos.

Sou fraco, pois, ao te ver,
Corro logo a me esconder
Entre os teus braços mimosos.

BEIJO ROUBADO

Ó que vontade eu tinha de beijá-la!
-- Há muito tempo era êste o meu desejo,
De poder num abraço sufocá-la,
Depositando em sua bôca um beijo.

A minha pobre mente se esforçava
À procura de algum estratégia,
E a consciência rígida ditava
Que o saber conduzir-se era um bom lema.

Passava o tempo todo imaginando
A ventura de vê-la me beijando
E a murmurar baixinho — "meu querido" —

Até que, certa noite, resolvido,
Roubei-lhe um beijo. Deu-me um bofetão,
E eu fui parar depois... beijando o chão!

CARTA-ABERTA

A vida que eu levava antigamente,
Era melhor, sem dúvida, eu garanto,
Não conhecia a dor, tão pouco o pranto,
No amor acreditava ingenuamente.

Mas, numa triste noite, infelizmente,
Não obstante até te cause espanto,
Sentí ódio de ti, mas, tanto quanto
Sentiu, por seu irmão, Caim demente.

É por isso que escrevo. Ouve, por fim:
-- Jamais julguei que fosses feia assim,
Nem de leve passou-me pela mente...

Tenho pena de ti, pobre coitada,
Num telefone a tua voz agrada,
Mas em pessoa... é muito diferente!...

DESILUSÃO

Numa festa eu a vi tôda de branco
Fiquei a contemplá-la extasiado...
E, porque não dizer, eu vou ser franco,
Sentí-me desde logo apaixonado!

Cheguei-me e, com medidas, circunlóquios,
Convidei-a a dançar; ela aceitou;
E entre palavras mil, ternos colóquios
Entre nós dois, um "flirt" começou.

Ébrio de encanto nem sequer notava
Que, à distância, severo e carrancudo,
Um senhor já idoso me espreitava
Olhando-me feroz, alheio a tudo.

Foi ela quem o viu; sentiu espanto.
Deixou-me e, então, fiquei desiludido,
Pois, este velho que me olhava tanto,
Não era avô, nem pai... era o marido!

SE EU FÔRA REI...

Se eu fôra rei, por certo te daria,
Um aureo trono rico e deslumbrante...
E asseguro que Júpiter tonante
Deus do Olimpo, também invejaria.

Se eu fôra rei, ainda ofertaria
A pérola mais rara e fascinante,
A mais linda esmeralda e um diamante,
Nos quais teu lindo nome escreveria.

Se eu fôra rei... em troca pediria,
Outra jóia que outrora possuía,
E que me dava luz, inspiração...

Se eu fôra rei... por que vagar a esmo?
Eu quero o teu amor e plebeu mesmo,
Rogo a Cristo, teu lindo coração!

ÚLTIMA PEÇA

— É mistér que, do mundo, me despeça,
Chega-te mais a mim, meiga querida,
Tudo passa na terra, e a própria vida
É um drama que se finda mal começa.

Represento, talvez, a última peça,
A derradeira lágrima vertida...
É penosa e tristonha a despedida
Mas é mistér, amôr, que me despeça.

Ouve esta voz daquêlê que te adora,
Daquêlê que te quis e quer agora
Mais do que nunca em todo seu viver...

E o desgraçado, em louco sofrimento,
Do leito ergueu-se a custo e, sem lamento,
Beijou a esposa pra depois morrer...

ASSASSÍNIO CRUEL

Foi numa noite, num casebre antigo,
O monstruoso assassino, friamente,
Roubou à vida o seu melhor amigo,
Enquanto um lobo uivava ferozmente.

Depois fugiu medroso do perigo,
E a polícia o procura ativamente...
— Eis a história que lí, a sós contigo,
No bonde, no jornal do homem da frente.

E tu, meu bem, disseste horrorizada:
— “Que monstro êsse assassino, desgraçada
Há de ser toda sua geração. . .

Passouse o tempo, e, um dia, me deixaste,
Eras amiga e, entanto, apunhalaste,
Teu amigo melhor: — meu coração!

“O CANTO DO CISNE”

Em vão o cisne por cantar fizera
Pois Deus, autor da augusta natureza,
Dera-lhe formas sábias em beleza,
Mas o canto suave não lhe dera.

Ouvindo as aves pela primavera
O cisne se humilhava, ante a tristeza
De sentir na garganta a voz tão presa,
De não poder cantar como quisera.

Mas, certo dia, por seu próprio espanto,
O lindo cisne, como por encanto,
Após insano esforço, enfim, cantou!

Ergueu a voz por um segundo apenas
E entre as águas do lago azul, serenas,
Por todo o sempre o cisne se calou!

EDITOR

FERNANDO BARRETTO

Pedidos:

RUA DO LIVRAMENTO, 103 — Fone 23-0118